

A Marinha na Grande Guerra - O Teatro de Operações de África

Capitão-de-Mar-e-Guerra
José António Rodrigues Pereira



Preâmbulo

O Século XX iniciou-se sob o espectro do confronto entre o Império Britânico e o Império Alemão, pela hegemonia mundial.

Numa tentativa para acalmar os ímpetos germânicos, a Grã-Bretanha negociara a divisão do Império Ultramarino Português, caso Portugal não conseguisse pagar os empréstimos concedidos pela banca internacional, e que a instabilidade política nacional fazia prever.

Mas estes factos não foram suficientes para que os sucessivos governos portugueses (da monarquia e da república) pusessem em execução, apesar das muitas propostas elaboradas, um programa de reequipamento naval que dotasse o país de uma força naval compatível com os seus extensos e dispersos domínios ultramarinos.

É neste contexto que se inicia, em Agosto de 1914, o primeiro grande conflito mundial.

A Marinha no Conflito

A actuação da Marinha na Grande Guerra é praticamente desconhecida, com a excepção do combate da patrulha de alto-mar⁽¹⁾ *Augusto de Castilho* com o cruzador-submarino alemão *U-139*.

Quando, em Agosto de 1914, rebentou o conflito que ficaria conhecido como a *Grande Guerra*, Portugal tinha grandes extensões de fronteira com a Alemanha. Recordemos que eram colónias alemãs os actuais territórios da Tanzânia, na fronteira Norte de Moçambique, e da Namíbia, na fronteira Sul de Angola.

Nessa época, a Armada Portuguesa contava com um conjunto de unidades navais muito heterogêneas, de que se destacavam cinco cruzadores, três contratorpedeiros classe *Douro* e três canhoneiras da classe *Beira*, mas que a rápida evolução dos armamentos navais verificada nos primeiros anos do Século XX, tornara obsoletos.

Quadro dos Navios da Armada em 1914

| Tipo | Nome | Data Aquisição | Deslocamento (Ton) | Potência (CV) | Armamento (mm) | Guarnição (Homens) |
|--------------------------------------|---|-----------------------|---------------------------|----------------------|--|---------------------------|
| Cruzador | <i>D. Carlos I</i> (depois <i>Almirante Reis</i>) | 1898 | 4.253 | 12.730 | 4 peças de 150 8 de 120 14 de 47 2 de 37 3 metr 5 tubos lança-torpedos | 318 |
| | <i>Adamastor</i> | 1896 | 1.757 | 4.000 | 2 peças de 150 4 de 105 2 de 65 3 metralhadoras 3 tubos lança torpedos | 237 |
| | <i>São Gabriel</i> | 1898 | 1.838 | 3.000 | 2 peças de 150 4 de 120 8 de 47 2 de 37 2 metralhadoras 1 tubo lança-torpedos | 242 |
| | <i>Rainha D. Amélia</i> (depois <i>República</i>) | 1899 | 1.683 | 5.000 | 4 peças de 150 2 de 100 4 de 47 2 de 37 2 tubos lança-torpedos | 263 |
| | <i>Vasco da Gama</i> | 1876 1902 | 3.030 | 6.000 | 2 peças de 203 1 de 150 1 de 76 8 de 47 4 metralhadoras | 259 |
| Iate Real (depois Aviso de Esquadra) | <i>Amélia</i> (depois <i>Cinco de Outubro</i>) | 1900 | 1.365 | 1.800 | 2 peças de 47 4 de 37 | 74 |

| Tipo | Nome | Data Aquisição | Deslocamento (Ton) | Potência (CV) | Armamento (mm) | Guarnição (Homens) |
|-----------------------|------------------|-----------------------|---------------------------|----------------------|--|---------------------------|
| Contratorpedeiro | <i>Douro</i> | 1913 | 670 | 11.000 | 1 peça de 100 2 de 76 2 tubos lança- torpedos | 73 |
| | <i>Liz [1]</i> | 1914 | 550 | | 4 peças de 76 2 tubos lança- torpedos | 75 |
| Submersível | <i>Espadarte</i> | 1912 | 300 | 650 | 1 peça de 76 2 tubos lança- torpedos | 58 |
| Canhoneira torpedeira | <i>Tejo</i> | 1901 | 536 | 7.000 | 1 peça de 100 1 de 65 1 metralhadora 2 tubos lança- torpedos | 111 |
| Canhoneira | <i>Rio Sado</i> | 1875 | 645 | 500 | 2 peças de 105 2 de 65 1 de 37 1 metralhadora | 107 |
| | <i>Zambeze</i> | 1886 | 616 | 510 | 3 peças de 100 1 de 37 1 metralhadora | 107 |
| | <i>Zaire</i> | 1884 | 558 | 500 | 2 peças de 100 2 de 37 1 metralhadora | 107 |
| | <i>Limpopo</i> | 1890 | 288 | 523 | 2 peças de 47 1 metralhadora | 48 |
| | <i>Açor</i> | 1886 | 335 | 360 | 1 peça de 47 | 53 |
| | <i>Chaimite</i> | 1898 | 341 | 480 | 2 peças de 47 2 metralhadoras | 31 |
| | <i>Lúrio</i> | 1907 | 305 | 500 | 2 peças de 47 1 metralhadora | 55 |
| | <i>Save</i> | 1908 | 305 | 500 | 2 peças de 47 1 metralhadora | |
| | <i>Pátria</i> | 1903 | 636 | 1890 | 4 peças de 100 6 de 47 1 metralhadora | 157 |

| Tipo | Nome | Data Aquisição | Deslocamento (Ton) | Potência (CV) | Armamento (mm) | Guarnição (Homens) |
|-------------------|---|-----------------------|---------------------------|----------------------|---|---------------------------|
| Lancha Canhoneira | <i>Sena</i> | 1904 | 70 | 100 | 2 peças de 37 1 metralhadora | 7 |
| | <i>Tete</i> | 1904 | 70 | 100 | 2 peças de 37 1 metralhadora | 7 |
| | <i>Zagaia</i> | 1909 | | | 3 metralhadoras | 27 |
| | <i>Flecha</i> | 1909 | | | 3 metralhadoras | 27 |
| | <i>Macau</i> | 1909 | 135 | 250 | 2 peças de 57 3 metralhadoras | 28 |
| | <i>Cacheu</i> | 1901 | 40 | 100 | 2 peças de 37 1 metralhadora | 7 |
| | <i>Infante D. Manuel (depois Rio Minho)</i> | 1904 | 38 | 64 | 1 peça de 37 | 49 |
| Torpedeiro | <i>Nº 1</i> | 1882 | 54 | 450 | 1 peça de 37 2 tubos lança-torpedos | 15 |
| | <i>Nº 2</i> | 1886 | 66 | 700 | 1 peça de 37 2 tubos lança-torpedos | 17 |
| | <i>Nº 3</i> | 1886 | 66 | 700 | 1 peça de 37 2 tubos lança-torpedos | 17 |
| | <i>Nº 4</i> | 1886 | 66 | 700 | 1 peça de 37 2 tubos lança-torpedos | 17 |
| Navio Escola | <i>D. Fernando II e Glória</i> | 1843 | 1.849 | à vela | 1 peça de 120 2 de 105 2 de 76 4 de 47 1 de 37 2 metralhadoras | 91 |
| | <i>Duque de Palmela</i> | 1869 | 750 | à vela | 1 peça de 76 1 peça de 47 | 66 |
| Transporte | <i>Salvador Correia</i> | 1895 | 300 | 450 | 1 peça de 75 2 de 37 | 47 |
| Rebocador | <i>Lidador</i> | 1884 | 252 | 400 | 1 peça de 37 1 metralhadora | 35 |
| | <i>Bérrio</i> | 1898 | 408 | 1070 | --- | 42 |

| Tipo | Nome | Data Aquisição | Deslocamento (Ton) | Potência (CV) | Armamento (mm) | Guarnição (Homens) |
|-------|----------------|----------------|--------------------|---------------|-----------------------|--------------------|
| Vapor | <i>Vilhena</i> | 1882 | 159 | 80 | 1 peça de 80 | 21 |
| | <i>Dilly</i> | 1909 | [2] | [2] | [2] | |
| | <i>Vulcano</i> | 1910 | 179 | 412 | 1 tubo lança-torpedos | 27 |
| | <i>Lince</i> | 1911 | 151 | 412 | 2 peças de 37 | 17 |

[2] Desconhecido.

Apesar da declaração de neutralidade assumida pelo Governo Português, no início do conflito, a Marinha teve de enfrentar, de imediato, a organização de escoltas para os navios mercantes portugueses, tarefa que a Armada iniciou logo que eclodiu o conflito e mesmo antes de Portugal se tornar uma nação beligerante.

Em África, no entanto, e apesar da neutralidade portuguesa, as forças militares alemãs hostilizavam as guarnições portuguesas nas fronteiras.

A 25 de Agosto de 1914, forças alemãs atravessam o rio Rovuma (Moçambique) e atacam o posto de Mazúia, massacrando a pequena guarnição: seis soldados africanos, comandados pelo Sargento de Marinha Eduardo Rodrigues da Costa, que seria o primeiro militar português morto no conflito.

A 31 de Outubro de 1914, o posto de Cuangar (Angola) foi atacado e a sua guarnição chacinada.

O Governo Português, mandou preparar duas expedições militares com destino aos territórios, onde existiam extensas fronteiras com a Alemanha: Angola e Moçambique.

O Transporte de Tropas

A Marinha empenhou, na escolta dos transportes de tropas, os seus mais poderosos meios navais - os cruzadores.

A 11 de Setembro, largaram de Lisboa os paquetes *Moçambique* e *Durhan Castle*^[2] com os Corpos Expedicionários do Exército destinados a Angola e a Moçambique, escoltados pelo cruzador *Almirante Reis* e pelas canhoneiras *Beira* e *Ibo*.

A 1 de Outubro, partiu o paquete *África* com os primeiros militares do Corpo Expedicionário para Angola. Sendo o navio escoltado pelo cruzador *São Gabriel*.

A 5 de Novembro de 1914, largou de Lisboa o paquete *Beira* com o *Batalhão de Marinha Expedicionário a Angola*.

A 22 de Novembro de 1914, largou de Lisboa o vapor *Cazengo* com os noventa homens da *Força Expedicionária de Marinha para Cabo Verde*.

A 1 de Dezembro, largaram de Lisboa os paquetes *Ambaca* e *Peninsular* com as restantes forças destinadas a Angola, sob a escolta do cruzador *Vasco da Gama*. Nas Canárias a escolta passou para o cruzador *São Gabriel*.

A 20 de Janeiro, largou de Lisboa o cruzador *Vasco da Gama* escoltando os paquetes *Moçambique* e *Zaire* com tropas para Angola, onde chegaram a 5 de Fevereiro.

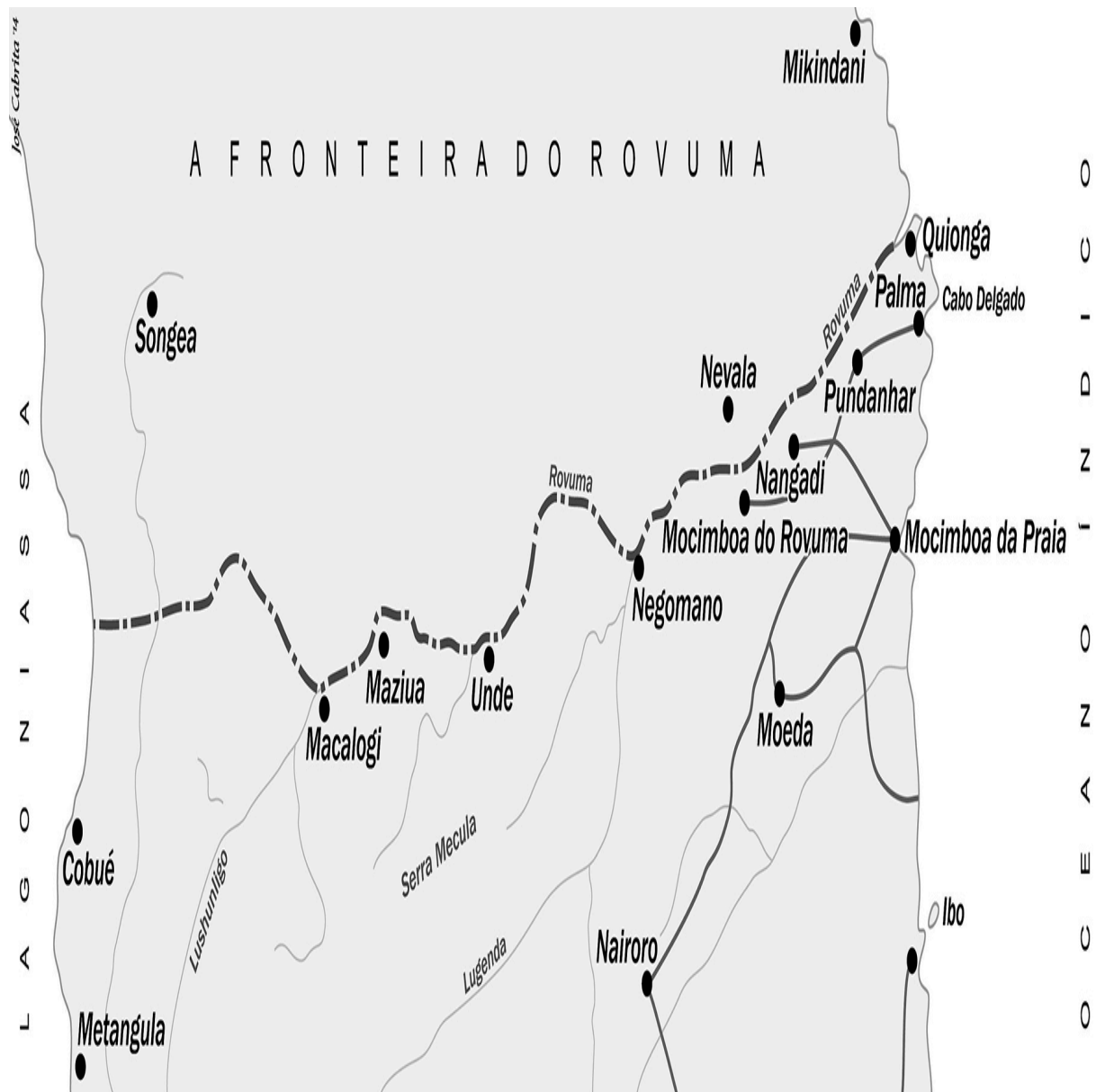


Figura 1 - A fronteira do Rovuma

A 3 de Fevereiro de 1915, largaram de Lisboa os paquetes portugueses *Ambaca* e *Portugal* e o francês *Britannia*, com tropas para Angola, escoltados pelo cruzador *Adamastor*, que, devido a uma avaria, teve de regressar a Lisboa.

Em 28 de Maio de 1916, largou de Lisboa o paquete *Portugal* com as primeiras forças da expedição do General Ferreira Gil, com destino a Moçambique. Seguiram-se o Moçambique (3 de Junho), o Zaire (24 de Junho), o Machico (28 de Junho) e o Amarante (8 de Julho), cujas chegadas a Palma se iniciaram a 5 de Julho.

Angola

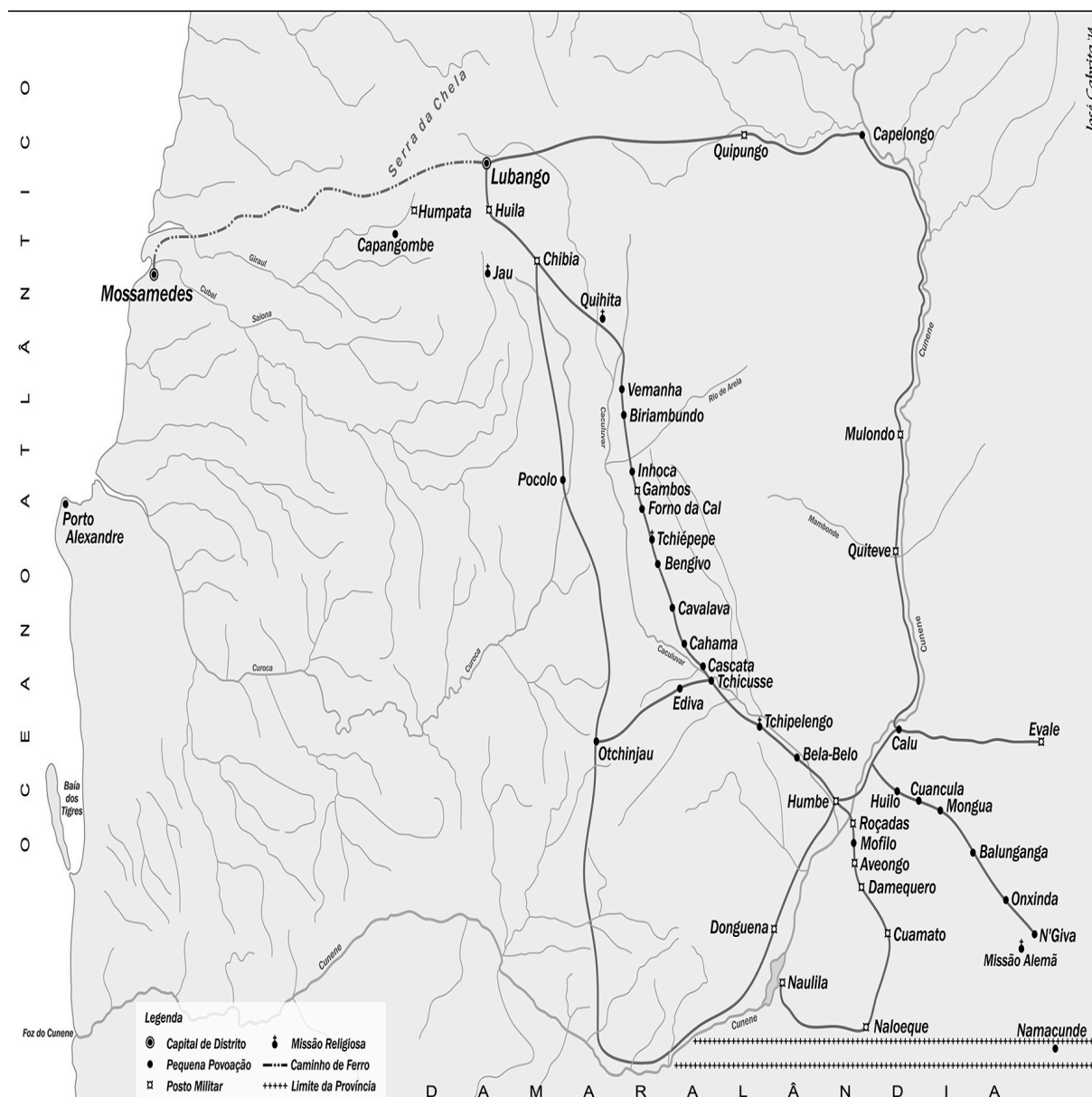
Foi preparado, ainda em 1914, um *Batalhão de Marinha* destinado a operar em terra. O Batalhão, composto por 545 militares (dezoito oficiais, trinta e três sargentos e 512 praças), embarcou a 5 de Novembro, no paquete *Beira*, com destino a Angola.

Chegado a Moçâmedes, a 23 de Novembro, seguiu de imediato para o interior, primeiro por caminho-de-ferro até à serra da Quilamba; e dali, numa penosa marcha sob sol abrasador e com falta de água, carregando um equipamento individual que pesava 37 kg. A subida daquela serra marcou o início da dura campanha e provocou um enorme desgaste nos homens e nos animais, registando-se logo aqui as primeiras baixas.

Durante seis meses, os homens do Batalhão de Marinha foram dispersos pelos vários postos avançados. Foi da base de Tchicusse que partiu o ataque ao Tchipelongo por um destacamento constituído por um pelotão de Marinha e outro de landins, comandados pelo Primeiro-tenente Afonso de Cerqueira, em defesa da missão francesa que, assim, pode ser evacuada em segurança, com os seus haveres. Esta acção obrigou as forças portuguesas a uma marcha, quase sem descanso, de 54 km.

Para além do inimigo, o Batalhão teve de enfrentar as difíceis condições da campanha, com temperaturas a variar entre os 39º C (de dia) e os 4º C (de noite), a falta de abrigos apropriados, a deficiente alimentação e, muito especialmente, a falta de água ou a má qualidade da existente que provocou numerosas baixas - o tifo, a disenteria e o paludismo reduziram os efectivos a 15 oficiais e 314 praças^[3].

A pequena, mas importante, vitória de Tchipelongo, moralizou as forças portuguesas que decidiram avançar para Sul em direcção ao Cuamato e Cuanhama.



Desenho do Autor/José Cabrita. Adaptado de “O Batalhão de Marinha Expedicionário a Angola”, F. Oliveira Pinto, Anais do CMN, Abr 1918, pág. 280

Figura 2 - Mapa das Operações no Sul de Angola

Após penosas marchas onde se perdeu muito gado, por sede e cansaço – obrigando a abandonar os carros com munições, a coluna acampou, a 17 de Agosto, na pequena *chana* da Mongua, com a mata a apenas 300 metros do quadrado português.

No dia 18, a força portuguesa é atacada por 12.000 guerreiros – que dispunham de mais de 5.000 modernas espingardas *Mauser* – e que lançavam sobre os portugueses toda a espécie de projecteis, desde zagalotes até balas *dum-dum*.

Rechacados pelas forças portuguesas - que, além das espingardas, dispunham de dezasseis metralhadoras e oito peças de artilharia - o inimigo afastou-se.

Voltaram no dia seguinte (19 de Agosto) e voltaram a ser rechacados; mas a situação no quadrado português começava a mostrar-se dramática pelo cansaço, pela sede e pela perspectiva da falta de munições. Nessa noite, um pelotão de Marinha participou num assalto que desalojou o inimigo das cacimbas próximas, permitindo o abastecimento de água.

Na manhã do dia 20, o soba Mandimba lança novo ataque sobre a face do quadrado onde estava o Batalhão de Marinha. O combate durou das 7h00 até às 15h00 e tornava-se necessária uma acção que o terminasse; a solução era uma carga. Mas só havia sete cavalos, pelo que se decidiu por uma carga à baioneta, executada por um pelotão de Marinha e outra de Infantaria 17. Mas toda a 2ª Companhia do Batalhão saltou do quadrado^[4]. O inimigo, surpreendido pelo arrojo da iniciativa portuguesa, recusou a luta corpo-a-corpo, e debandou definitivamente.

O *Batalhão de Marinha* teve, neste combate, 74 feridos ficando reduzido agora a 279 dos 545 militares que o compunham inicialmente. A 20 de Setembro, o Batalhão foi retirado da área de operações, regressando a Lisboa a bordo do *Zaire*, a 15 de Outubro de 1915.

E, como afirmou Cerqueira no seu Relatório "*viu ainda, triste e com surpresa, a indiferença e a frieza com que o Batalhão de Marinha foi recebido à chegada a Lisboa, em 15 de Outubro de 1915 (...) no Quartel de Marinheiros só se encontrava o oficial de serviço para o receber!*".

Sobre a acção desta força de Marinha, referiremos o que sobre ele escreveu o general Pereira d'Eça:

"Todas as unidades cumpriram o seu dever por forma a justificar o grande orgulho que tive em tê-las comandado, porém julgo merecedor de especial menção o Batalhão de Marinha. Foi, sem o menor exagero, uma unidade de elite, cuja têtpera fica definida dizendo que foi a mais resistente nas marchas e a mais esforçada nos combates".

Numa homenagem ao Batalhão de Marinha, o General Pereira d'Eça ofereceu a sua espada ao *Corpo de Marinheiros da Armada* que, em formatura geral e perante as altas hierarquias do Exército e da Marinha, a recebeu, em Novembro de 1917, e hoje, orgulhosamente, a exhibe no *Museu de Marinha*.

Cabo Verde

A Marinha teve também intervenção importante na defesa dos portos que, no caso do Ultramar, teve especial importância o Mindelo, na ilha de São Vicente (Cabo Verde).

O porto do Mindelo era um importante ponto de amarração dos cabos submarinos,

fundamentais, na época, para as comunicações telegráficas da Europa com a América e a África; o Mindelo era também, naquela época, um estratégico porto abastecedor de carvão para a navegação e, então, especialmente para a esquadra britânica em serviço naquela área do Atlântico.

Em Novembro de 1914, a Marinha enviou para aquela ilha o seu primeiro contingente para o Ultramar; uma força de noventa homens para efectuar a vigilância e defesa dos cabos submarinos.

Em Setembro, foram enviadas para Cabo Verde as canhoneiras *Ibo* e *Beira*, a que se seguiria, mais tarde, a *Bengo*.

Quando, em Fevereiro de 1916, se procedeu à requisição dos navios alemães e austríacos estacionados em portos portugueses, a *Beira* participou nessas operações, no porto do Mindelo, onde se encontravam oito navios alemães^[5]; a sua guarnição ficou ainda com responsabilidade da guarda daqueles navios e da escolta das suas tripulações até à ilha de São Nicolau, onde ficaram internados.

Entre Março e Novembro de 1916, a esquadra britânica do Atlântico, depois de um período baseada no Funchal, transfere a sua base para o Mindelo devido ao aumento, naquela região, da ameaça submarina alemã.

Mesmo depois da saída da esquadra britânica, o porto do Mindelo continuou a ser um alvo para os submarinos alemães; em 4 de Dezembro de 1918, surgiu diante do porto um submarino que, atacado a tiro pela *Beira* e a *Ibo*, foi obrigado a mergulhar.

Mais tarde, a 2 de Novembro de 1917, o cruzador-submarino alemão *U-151* torpedeou os vapores brasileiros *Guahyba* e *Acary*, mas a reacção da *Ibo* fez o inimigo abandonar o ataque.

No início de 1918, com o aumento da ameaça submarina, a Marinha montou um sistema de barragens submarinas e peças de artilharia em terra; simultaneamente, passaram a organizar-se comboios cujas saídas eram coordenadas pelos navios portugueses.

Moçambique

O cruzador *Adamastor* partiu de Lisboa, em 15 de Dezembro de 1915 a caminho da Índia; mas, em Fevereiro de 1916, quando da declaração de guerra alemã, o navio encontrava-se em Lourenço Marques e foi decidido que ali ficaria; iria juntar-se à canhoneira *Chaimite*, aos vapores *Luabo*, *Pebane* e *Pungué* e às lanchas canhoneiras *Salvador*, *Sena* e *Tete*, da *Esquadrilha do Zambeze*.

A 20 de Maio de 1916, quando os escaleres do navio procediam a um reconhecimento na foz do rio Rovuma, na fronteira Norte, as tropas alemãs, estacionadas na margem esquerda, abriram fogo contra aquelas embarcações, o que obrigou o *Adamastor* a

bombardear as posições alemãs.

No dia seguinte, e com a colaboração da *Chaimite*, o *Adamastor* voltou a bombardear as posições alemãs, enquanto uma força de desembarque ocupava o posto alemão na ilha da Namaca onde, apesar das baixas sofridas (três mortos e seis feridos), ficou estabelecido um reduto artilhado, guarnecido por pessoal da Marinha.

No dia 27 de Maio de 1916, depois de um intenso bombardeamento pela artilharia dos navios e pelo posto da Namaca, uma força do Exército Português, incluindo soldados africanos, embarcados nos escaleres dos navios, iniciou a travessia do rio para ocupar a margem Norte^[6].

Recebidos por intenso fogo de metralhadoras, as forças portuguesas foram rechaçadas com elevadas baixas. Da Marinha, faleceram o Guarda-marinha Rodrigues Janeiro e dez praças, ficando feridos o Guarda-marinha Maia Rebelo, um sargento e sete praças.

Ficou ainda prisioneiro dos alemães o Primeiro-tenente Matos Preto, comandante da *Chaimite*, quando tentava, no rescaldo da acção, resgatar possíveis sobreviventes portugueses nos bancos de areia da margem alemã.

Só três meses mais tarde se conseguiu ocupar a margem alemã; Matos Preto, no entanto, só seria libertado a 29 de Setembro de 1917.

Em 1917, durante as operações de recrutamento de indígenas moçambicanos, para as forças auxiliares, o descontentamento, instigado pelos agentes alemães, ameaçou transformar-se numa revolta que foi subjugada com o auxílio de uma força de Marinha comandada pelo Guarda-marinha Prestes Salgueiro.

Na região do Barué também entrou em acção uma força de Marinha desembarcada do cruzador *Adamastor*, e que já se tinha distinguido nas operações do Rovuma. As lanchas-canhoneiras da *Esquadilha do Zambeze* também tiveram papel de relevo na defesa da região de Tete e evitando a sublevação das populações incitadas por agentes alemães das companhias e missões religiosas.

Em 26 de Abril de 1918, partiu do Tejo o cruzador *São Gabriel* com destino a Moçambique e que, 100 milhas a Noroeste da Madeira, teve um encontro com um submarino alemão que atacado a tiro submergiu.

Na cidade do Cabo, o navio português colaborou, durante quatro dias, na defesa da cidade, num período em que se esperavam levantamentos dos indígenas e havia apenas cinquenta polícias na cidade.

Os navios ingleses tinham largado para o mar em perseguição de alguns submarinos alemães avistados nas proximidades e o porto estava sem defesa em caso de quaisquer tumultos. Desembarcando 112 marinheiros e quatro oficiais, com armamento individual e as metralhadoras do navio, durante quatro dias, o porto daquela cidade - a única área que podia ser defendida - esteve à guarda da Marinha Portuguesa até ao regresso dos

navios britânicos que estavam no mar, empenhados na busca de submarinos alemães.

Na sequência do golpe militar que levou ao poder o Major Sidónio Pais (8 de Janeiro de 1918), foram deportados para Moçambique 240 praças da Marinha que tinham lutado contra aquele movimento.

O Ministro da Marinha, Comandante Carlos da Maia, entendeu preparar um novo *Batalhão de Marinha*, força sempre útil em qualquer situação de emergência, como a que então se vivia, e a que se juntariam aquelas praças que assim voltariam ao serviço da Armada^[7].

Embora sem o entusiasmo do precedente, o Batalhão foi organizado, em Abril de 1918, maioritariamente com voluntários, a bordo do cruzador *Almirante Reis*; dali seguiu para o paquete *Lourenço Marques* onde seguiu para Moçambique.

O Batalhão era constituído por três companhias e uma bateria de seis metralhadoras, com dezoito oficiais e 746 praças, a que se juntariam, em Moçambique, mais quatro Guardas-Marinhas dos cruzadores *Adamastor* e *São Gabriel* e as 240 praças ali deportados.

O paquete Lourenço Marques largou de Lisboa, a 17 de Junho de 1918, e chegou a Lourenço Marques a 22 de Julho; a 3 de Agosto, estava já o Batalhão instalado no Mussoril, pronto para operações. Seguiu para Quelimane a 25 de Agosto, a bordo do Luabo, por se aguardar um ataque dos alemães contra a cidade, cuja defesa era garantida apenas pelos marinheiros do *Adamastor*; seguiu depois para Regone e Gilé onde a passagem dos alemães deixara uma onda de sublevação entre as populações.

Uma companhia comandada pelo Primeiro-tenente João Capelo, embarcou no vapor *Capitania*, a 23 de Setembro, para Moábani, e depois, em marcha até Regone, onde estacionaram algumas semanas. Subiram depois o rio Maloqué pacificando toda a região com a colaboração de *ensacas* que atacavam a áreas revoltadas; ali permanecerem durante cerca de três meses, após o que regressaram a Quelimane, a 22 de Dezembro.

Naquela cidade, onde grassava um surto de pneumónica, o Batalhão sofreu vinte e três mortos, incluindo dois oficiais.

Regressou a Lisboa em Abril de 1919, a bordo do paquete *Lourenço Marques*.

Os Navios Mercantes Alemães

O início da guerra surpreendeu no mar numerosos navios da marinha mercante alemã, levando-os a procurar abrigo em portos neutros, evitando ser apresados pela *Royal Navy*. Nos portos portugueses do Ultramar encontravam-se imobilizados, desde o início da guerra, vinte e três navios de comércio alemães e um austro-húngaro, totalizando

110.500 toneladas^[8]. Foi ainda apresada, no rio Zambeze, a lancha *Salvador* pertencente à missão de jesuítas austríacos de Boror.

A falta de navios mercantes^[9] para garantir a manutenção do comércio marítimo, não só pelas perdas provocadas pela acção da guerra submarina como ainda pela necessidade de mobilização de elevado número de navios para fins militares, levou o Governo Português a encarar a requisição daqueles navios para suprir as faltas, utilizando-os para a navegação comercial nacional ou integrados na Armada.

Fracassadas as negociações com os armadores alemães, para a compra ou afretamento dos navios, a sua requisição viria a ser concretizada em 23 de Fevereiro de 1916, o que provocou a *Declaração de Guerra* da Alemanha, em 9 de Março.

Para suprir a falta de meios materiais, requisitaram-se ainda todos os pequenos vapores e lanchas que, sem grave prejuízo das actividades comerciais, podiam ser armados; mobilizaram-se no ultramar mais cinco embarcações^[10] que foram utilizadas nos serviços de transporte e de vigilância da costa.

A Marinha de Comércio

Não se pode deixar de fazer uma referência ao notável serviço desempenhado pela Marinha de Comércio, durante a guerra, conduzindo forças militares, passageiros e mercadorias. Representaram muitas horas de inquietação e de perigo que era encarado sem desfalecimento ou hesitação no cumprimento da missão, são actos que nunca deverão ser esquecidos.

Conclusão

Ficaram assim, sucintamente, relatadas algumas das missões que a Marinha cumpriu com pesados sacrifícios, nos teatros de operações em África, em cumprimento do seu lema:

A Pátria Honrai,

Que a Pátria vos contempla!..

^[1] * Vogal Efetivo do Conselho Fiscal da Revista Militar.

1 Embora habitualmente referido com *caça-minas*, o *Augusto de Castilho*, o arrastão

Elite, mobilizado para o serviço naval, foi oficialmente classificado como *Patrulha de Alto-Mar* e utilizado na escolta de navios mercantes.

^[2] Os paquetes *Durhan Castle* (britânico) e *Britannia* (francês) foram os únicos navios estrangeiros utilizados no transporte de tropas para África.

^[3] Destes destacam-se o Comandante Coreolano da Costa e o Primeiro-tenente Carvalho Araújo.

^[4] E só não saiu todo o Batalhão, porque Cerqueira energicamente se opôs.

^[5] Eram os vapores *Beta* (depois *Maio*, 2.179 ton), *Burgmeister-Hachmann* (*Ilha do Fogo*, 4.315 ton), *Dora Horn* (*São Nicolau*, 2.679 ton), *Heimburg* (*Santo Antão*, 4.196 ton), *Santa Barbara* (*Santiago*, 3.763 ton), *Theoder Wille* (*Boavista*, 3.667 ton), *Fogo* (*Brava*, 3.184 ton) e *Wurzburg* (*São Vicente*, 5.085 ton).

^[6] Estavam presentes, a bordo do *Adamastor*, o Governador-Geral de Moçambique, Capitão Álvaro de Castro, e o comandante militar, Major Moura Mendes.

^[7] Esta atitude de Carlos da Maia foi mal aceite por alguns sectores e terá sido uma das causas que concorreram para a tragédia que o vitimou.

^[8] No total, estavam em portos portugueses setenta navios alemães e dois austro-húngaros, representando 250.00 toneladas.

^[9] O total da Marinha Mercante portuguesa, em 1914, era de 73.000 toneladas, insuficiente para garantir as necessidades nacionais.

^[10] De um total de trinta, mobilizadas em todo o país.